



Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica

TEORIA DA ATIVIDADE: COMPREENSÕES EM TRÊS GERAÇÕES¹

ACTIVITY THEORY: UNDERSTANDINGS IN THREE GENERATIONS

Alexa Fagundes Dos Santos², Isabel Koltermann Battisti³

¹ Texto produzido a partir de atividades desenvolvidas como Bolsista PIBIC/CNPq de um projeto de pesquisa desenvolvido na Unijuí.

² Bolsista PIBIC/CNPq, acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia, da UNIJUÍ.

³ Professora Doutora em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

INTRODUÇÃO

A Teoria da Atividade na perspectiva histórico-cultural vem sendo desenvolvida por várias gerações, as quais três são explanadas no presente estudo. Vygotsky, como precursor da teoria, constitui a primeira geração; Leontiev a segunda; e Engeström, a terceira geração.

A temática da discussão surgiu através de experiências em um projeto de iniciação científica, a qual, para dar prosseguimento em seu percurso teórico e metodológico, exigiu a apropriação de seus pressupostos teóricos. Desse modo, este estudo tem por objetivo apresentar uma sistematização das principais ideias que constituem e caracterizam as três gerações que envolvem a Teoria da Atividade.

METODOLOGIA

A escrita se caracteriza como uma síntese de revisão bibliográfica acerca da Teoria da Atividade, considerando o seu processo de produção e aprofundamento. Inicialmente, foi selecionado o banco de dados Google Acadêmico para uma busca dos artigos publicados até o momento. Para a busca utilizou-se as palavras-chave: “TEORIA DA ATIVIDADE” em conjunto com “HISTÓRICO-CULTURAL”; selecionando 5 artigos por ordem de relevância. Considerando o interesse prévio, após leitura de cada produção selecionada, foi definido como foco de estudo a pesquisa das autoras Cenci e Damiani (2018), intitulada *Desenvolvimento da Teoria Histórico-Cultural da Atividade em três gerações: Vygotsky, Leontiev e Engeström*. Tal escolha conferiu ser extremamente relevante e condizente com a



proposta da escrita por apresentar uma análise clara e pontual da produção e do desenvolvimento da Teoria da Atividade considerando três gerações de estudiosos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As relações sociais se tornam fundamentais para a formação do sujeito no sentido de inseri-lo sócio-culturalmente no mundo externo e, nesse processo, desenvolver seu pensamento. Na perspectiva vigotskiana, as relações sociais estão intrinsecamente relacionadas às funções psicológicas superiores, “[...] a criança cresce inserida na cultura, de modo que seu desenvolvimento biológico se amalgama ao seu desenvolvimento cultural. Este não apenas está atrelado ao biológico, também o amplia” (CENCI; DAMIANI, 2018 p. 923).

Vygotsky propõe o conceito de internalização considerando as funções interpsicológicas e intrapsicológicas. Sob esses aspectos, a aprendizagem se torna elemento essencial, intervindo diretamente no desenvolvimento humano. Para Vygotsky (1993, apud CENCI; DAMIANI, 2018, p. 923) “[...] a instrução (ensino-aprendizagem) sempre se adianta ao desenvolvimento”.

Ao distinguir instrução e desenvolvimento, Vygotsky aponta que são processos diferentes, mas que têm complexas relações. O termo instrução demanda de funções em fase de amadurecimento/desenvolvimento, entretanto, nem toda instrução promove o desenvolvimento. A zona mais propícia para o desenvolvimento do sujeito é denominada como Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e as funções já consolidadas, de acordo com Vygotsky (1993, apud CENCI; DAMIANI, 2018), constituem o nível de desenvolvimento real. A ZDP é o nível em que a mediação entre uma pessoa mais experiente e a criança possibilita o aprendizado.

Cenci e Damiani (2018) enfatizam o quanto o conceito mediação transita e entrelaça-se sob diversos processos do ensino e aprendizagem, como: na linguagem, nos instrumentos e signos, na formação de conceitos, nas funções psicológicas superiores e, até mesmo, na cultura. Destacam, ainda, que o conceito mediação é central na constituição do pensamento, sendo preponderante nas discussões apresentadas por Vygotsky e é ampliado pelos autores que aprofundam estudos acerca da Teoria da Atividade.

O pensamento é mediado pela linguagem (signo) e ações no mundo externo são mediadas por instrumentos. “Os signos permitem que ele opere mentalmente sobre o mundo”



(*Ibid.*, p. 928). Vygotsky elaborou o conceito de mediação a partir de elementos do conceito de trabalho proposto por Marx e Engels. Para Vygotsky (1995, apud CENCI; DAMIANI, 2018 p. 928), “[...] o trabalho modifica o meio e, ao mesmo tempo, modifica o próprio ser humano”.

Diferente de Vygotsky, Leontiev tem como centralidade de seus estudos a atividade. Leontiev procurava compreender aspectos inerentes à consciência humana e à personalidade por meio da atividade. “A investigação da estrutura da atividade permite compreender a estrutura da consciência” (LEONTIEV, 1978 apud CENCI; DAMIANI, 2018 p. 930). Ao se colocar em atividade o sujeito estabelece relações com o mundo externo, com a realidade material e com seus pares.

Cenci e Damiani (2018) apontam que a atividade tem dois princípios básicos: o uso e a fabricação de instrumentos; e a organização coletiva. Para Leontiev “O trabalho é, portanto, desde a origem, um processo mediatizado simultaneamente pelo instrumento (em sentido lato) e pela sociedade” (LEONTIEV, 1978 apud CENCI; DAMIANI, 2018 p. 930). Nessa perspectiva, o trabalho é uma atividade coletiva e a atividade é compreendida como princípio explicativo da consciência, a qual está fundamentada nas relações sociais.

De acordo com Cenci e Damiani (2018), Leontiev utiliza o conceito de apropriação, enquanto Vygotsky usa o termo internalização. Ambos compreendiam que o homem se distingue dos animais em função das capacidades de criar e internalizar (ou apropriar) instrumentos que estabelecem as relações com o mundo externo e interno (consciência).

Para Leontiev o sujeito apropria-se das propriedades do objeto, o qual está carregado de operações do trabalho que historicamente foram elaboradas e nele estão impregnadas. O sujeito se submete a expandir seus conhecimentos por meio do objeto, apropria-se de conhecimentos produzidos pelas gerações passadas e pela cultura. Esse processo seria entendido como aprendizagem (*ibid.*, 2018). Nessa perspectiva, o objeto se torna alvo da necessidade do sujeito. Somente quando se define um objeto é que a necessidade objetiva-se. Leontiev (1978, apud CENCI; DAMIANI, 2018) determina que esse objeto- alvo é o motivo da atividade e conduz a atividade para o seu fim.

Além disso, a atividade possui elementos que a estruturam, quais sejam: ações e operações. “Enquanto a atividade pode ser identificada pelo objeto (ou motivo), as ações o são pelo seu objetivo (ou meta) e as operações, pelas condições instrumentais (ou condições



operacionais) para sua realização” (LEONTIEV 1978 apud CENCI; DAMIANI, 2018, p. 933). Cada componente que estrutura a atividade depende do outro, sem um motivo não há atividade e, da mesma forma, ações e operações. Diante de tais entendimentos, “[...] Leontiev coloca a mediação em seu contexto cultural, enfatizando não apenas os instrumentos mediadores, mas também as práticas culturais das quais eles são parte” (DANIELS, 2011 apud CENCI; DAMIANI, 2018 p. 935).

Engeström se distancia de Vygotsky e entrecruza com Leontiev em suas contribuições ao abordar o conceito de sistema de atividade. De forma pontual, um sistema de atividade envolve um grupo de pessoas em um sistema que tenha seus próprios instrumentos e divisões de trabalho. O objetivo em comum do sistema é formar um objeto compartilhado (ENGESTRÖM, 2013 apud CENCI; DAMIANI, 2018). Daniels (2011 apud CENCI; DAMIANI, 2018 p. 936) pontua que esses sistemas são “[...] formações coletivas, dirigidas a um objeto, que evoluem ao longo de períodos extensos de tempo, frequentemente assumindo a forma de instituições e organizações”.

Em relação ao entrelaçamento conceitual de Engeström e Leontiev, o objeto se torna elemento definitivo para conferir a atividade em ambos. Dessa forma, “[...] é imprescindível conhecer a intencionalidade do sujeito, ou seja, o seu motivo, para definir a atividade” (CENCI; DAMIANI, 2018 p. 937). Engeström, como participante da terceira geração da Teoria da Atividade, pontua que os sistemas de atividade são partes intrínsecas de uma rede, essa rede é formadora da sociedade (DANIELS, 2011 apud CENCI; DAMIANI, 2018).

Engeström busca alicerçar sua teoria na aprendizagem expansiva. “[...] o que deve ser aprendido não é sabido no início do processo, mas será produzido à medida que o processo de aprendizagem se desenrola. A aprendizagem expansiva implica, desse modo, a construção coletiva de mudanças” (CENCI; DAMIANI, 2018 p. 941). Aborda, assim, os conceitos de internalização e externalização para a aprendizagem expansiva e a criação de instrumentos para a transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo em sistematizar as principais ideias que constituem e caracterizam as três gerações que envolvem a Teoria da Atividade, bem como os



procedimentos metodológicos elegidos, é possível indicar que os resultados almejados foram alcançados.

É possível indicar que Vygotsky entende as relações sociais como principais movimentos da formação do sujeito, inserindo-o socioculturalmente numa sociedade. Nesse contexto, destaca-se a relevância de conceitos como a internalização, a ZDP e a mediação em funções interpsicológicas e intrapsicológicas na aprendizagem. O uso de signos e instrumentos permite que o sujeito opere no mundo, adquira conhecimentos e transmita-os. Por isso, pode-se entender que o conceito de atividade começa a surgir (inicialmente) em suas proposições.

Leontiev trata a atividade como eixo norteador e, concomitantemente, a consciência humana surge como tema de investigação. O trabalho (atividade) é mediatizado por instrumentos e pela sociedade (organização coletiva), diferentemente de Vygotsky que traz a mediação semiótica entre os sujeitos. O processo de aprendizagem, para Leontiev, considera o processo de objetivação, o qual carrega conhecimentos e se torna alvo da necessidade do sujeito. O sujeito quando define um objeto, identifica sua necessidade e, assim, adquire conhecimentos através da apropriação dos conceitos culturais e sociais ali impregnados.

Por fim, Engeström traz o conceito de sistema de atividade considerando seus instrumentos e divisões de trabalho. O que move o sistema é a formação de um objeto a ser compartilhado com todos os integrantes. Aproxima-se de proposições apresentadas por Leontiev quando este traz o objeto como o motivo da atividade. Ademais, Engeström traz o conceito de aprendizagem expansiva, em que depende do coletivo para obter novos conhecimentos da atividade.

Palavras-chave: Mediação. Sistema de atividade. Engeström. Leontiev. Vygotsky.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao CNPq, pela viabilização da Bolsa PIBIC/CNPq.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENCI, A.; DAMIANI, M. F. Desenvolvimento da Teoria Histórico-Cultural da Atividade em três gerações: Vygotsky, Leontiev e Engeström. **Roteiro**, [S. l.], v. 43, n. 3, p. 919–948, 2018. DOI: 10.18593/r.v43i3.16594. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/16594>. Acesso em: 27 jun. 2022.